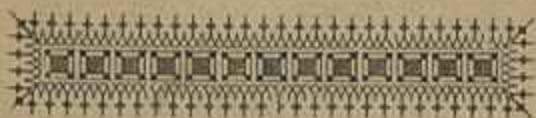


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 672	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3800	1800	5950	5120	30 DE AGOSTO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem....)	4800	2800	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5800	2850	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Ficou finalmente depositado no jazigo do pequenino cemiterio de Alhandra o corpo d'esse homem illustre que se chamou Sousa Martins.

Acompanharam-o até á porta do tumulo os collegas, os discipulos, centenas de amigos. A gente da povoação formou alas entre as quaes passou lentamente o cortejo funebre.

Quantas lagrimas brilhando nos olhos de todos!

«Apagou-se a maior luz do meu reinado» escreveu o sr. D. Carlos em telegramma de pesames á desditosa irmã do grande morto. E, desde El-rei até ao mais humilde servente do hospital, todos sentiram a crueldade do golpe, que os ferira, ferindo um só homem.

A morte de Sousa Martins revelou-o em todo o seu altissimo valor como clinico distinctissimo, professor eminente, espelho dos homens de bem.

Tão alto subiram seus credits nos trinta annos de vida em que manifestou sua intelligentissima actividade, que na confusão d'uma dôr intensa, n'uma exclamação de impotencia para d'outra forma manifestar a saudade profunda, a viva gratidão, um grupo de collegas seus dos mais distinctos, seus antigos condiscipulos, lembrou-se de pedir ao governo que o funeral do grande homem fosse feito a expensas do estado e seu corpo transportado para os Jeronymos, onde dormem o somno eterno Alexandre Herculano e João de Deus, ao lado das suppostas cinzas de Vasco da Gama e Luiz de Camões.

Felizmente o projecto não foi ávante, sendo respeitada uma das ultimas vontades do fallecido.

Ali deve elle achar-se melhor, no cemiterio da aldeia, que o sol beija, apenas se levanta sobre a planicie extensa, á sombra d'aquellas arvores onde chilream passaros e por sobre as quaes no inverno passam em grandes triangulos os patos bravos. Foi elle quem mandou construir a pequenina capella onde já repousavam dois entes que muito amára.

Era para elle uma idéa consoladora saber que havia de dormir na terra em que nascera, «que a terra em que se nasce é mãe tambem.» Disse-o João de Deus. E entretanto lá está no Pantheon dos Jeronymos, sob a abobada de marmore altissima, depois d'um grande enterro, de trinta discursos, mais abandonado do que se estivesse n'um cantinho do cemiterio de Messines, nos ultimos socalcos da serra do Algarve, onde já o vento da maré traz uns perfumes do mar longinquo.

Em Portugal, em Lisboa pelo menos, não ha o culto dos mortos. Basta ver um enterro. Os gatos pingados, de tochas economicamente apagadas, trajando ridiculamente, arrastando-se ao lado do coche espalhafatoso, não são mais que os trombeiros da indifferença da chusma que os segue nas carruagens, fumando, conversando em assumptos varios, bocejando, como quem cumpre uma tarefa cerimoniosa e fatigante. E, como a imaginação é pouco fecunda, occorre então á maior parte o manifestar respeito pela ostentação. A idéa é logo applaudida por quantos hão de ser comparsas n'esse final de tragedia e que assumem ares superiores, porque levam uma perpetua ao peito ou ladeiam um estandarte com um lemma rhetorico

e sem sentido. Enterros pomposos de mortos illustres, exhibição de vaidadesinhas de vivos insignificantes.

Não vem isto a proposito de Sousa Martins, mas do perigo em que estamos de ver os Jeronymos invadidos por cadaveres de mediocres e ainda menos, se uma lei sensata não fechar o Pantheon a quem não tenha pelo menos cincoenta annos de gloria posthuma, primeira linha de sua historia na immortalidade.

Dos nossos contemporaneos por certo que bem poucos ou nenhum poderia medir o seu valor com o do illustre medico, philantropo, patriota, professor distinctissimo, tão querido por todos e tanto, que na propria vontade não se manifestára

tão eloquente, ninguem ousaria negar o applauso á iniciativa dos seus amigos para as honras funebres que lhe queriam tributar.

A phrase de El-Rei foi avaliada em toda a sua justiça por quantos souberam a enorme perda que soffremos. Devemo nos entretanto felicitar por não terem sido offendidas as ultimas, expressas vontades de Sousa Martins.

Pena foi João de Deus, que em sua altissima modestia não sonhára honras taes, não manifestasse claramente, publicamente, o seu desejo, que o culto respeitoso ao poeta querido não se limitara por certo á frieza d'um tumulo, hoje abandonado.

Ha maneiras commodas de glorificar mortos e



DR. ANTONIO MANOEL DA CUNHA BELLEM — CIRURGIÃO EM CHEFE DO EXERCITO

(Copia de uma photographia do sr. Goes)

vivos. Está em moda o nome escripto á esquina d'uma rua.

Eis um caso para que deveria talvez chamar-se a attenção da Academia Real das Sciencias.

A substituição dos nomes das ruas e praças de Lisboa tem sido feita pela vereação da Camara Municipal a maior parte das vezes, sem vislumbres de criterio e por forma demonstrativa da mais crassa ignorancia. A historia d'uma cidade está muita vez escripta nos nomes das suas ruas.

Pôde ignorar o um vereador supinamente inepto, achar caturreiras nomes como *Cata que farás* ou *Moinho de Vento*, mas confesse ao menos que ha muitos escriptos por essas esquinas que d'aqui a meia dúzia de annos não de ter menos sentido. Um nome estampado n'um cunhal não dá ao honrado maiores dias de existencia do que possa ter valido a sua obra. Além de que, a promiscuidade de nomes de heroes e grandes homens com banalidades e compadres é irritantemente desrespeitosa.

Essas propostas de vereadores fantasiando honrarias provam apenas completa falta de sentimento e são maneira comoda de alijar a carga da grã-tidão.

A Camara de Lisboa pegou o mal a todas as do paiz. Até Cintra, Cintra tão pittoresca e linda, com os seus nomes que são poemas, viu as esquinas boçadas com os de trinta politicos, forma pomposa por que um bando de selvagens quiz mostrar sua bajulice.

Felizmente o publico é-lhe isso indifferente. Vaedando as ruas os nomes velhos e faz elle muito bem.

As cidades em Portugal não são para nervosos; e é talvez d'ahi que nos vem n'uma melancolia morbida, certa aspiração para a soledade em recantos longinquoos, onde não cheguem rumores de politicos, phrases ócas de iconoclastas, rufos de reclamos, noticias sordidas.

A vida no campo através d'estas poeiras, em que ha germens de todas as enfermidades, esbate na nuvem espessa os contornos, e apparece nos tal qual a sonhavam os aos vinte annos, como tão artisticamente agora, a pintou com todas as cores da alvorada, Alfredo Serrano em seu livro, *Horas de Sol*.

Escreve: «Não digam que o campo não é ainda a paz da alma e a saúde do corpo. Alminhas limpas e corpinhos saos, o mais é com Deus Nosso Senhor! Pois isto é verdade. A roda dos ricacos da cidade faz tinturas a uma pessoa. É baldia minha, que querem os senhores! Aqui, na Beira, entre estas montanhas, a lidar-se com gente tão boa, religiosa e trabalhadora, chega uma alma a pensar se se pode conceber, com effeito, essa coisa, de que os papéis rezam algumas vezes — ora, até muitas e muitas vezes — uma especie de sociedade, em que só reinasse a harmonia, a bem de todos, sem ser necessario um homem que governasse... Eu sei lá se é possível ou não, eu sei lá! Deixem estar que hei de fallar n'isso ao senhor prior que é homem entendido, pelos modos, sem papas na lingua para taes questões. Esteve em Coimbra... Hei de lhe fallar n'isso!»

Refugio. Esse titulo d'um capitulo das *Neyroses* de Rollinat podia ser o do livro de Serrano.

Não é uma photographia do campo; mas a descripção que, em dia frio e tenebroso de pleno inverno, uma imaginação de artista se compraz a fazer de primavera: madrugada luminosa, concertos de passaros nas arvores e bichinhos nas ervas, cascaes a rirem n'um fundo de choupos verde-claros, que ensombram ribeiras mansas. Doira o sol os visos do monte, e, cá em baixo, onde ainda se estendem, pouco a pouco esbatendo-se, as sombras da serra, dá principio o campo á faina diaria. As velhas são fadas boas e as creancinhas loiras tem azas pequeninas como os anjos dos retabulos na grande aureola da Virgem Gloriosa.

As coisas tambem são como a gente as vê, e mais delicias são.

Nas *Horas de Sol* o campo portuguez tem a sua alma propria, mas ainda mais, toda a amorosa alma d'um artista.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

DR. CUNHA BELLEM

É cirurgião em chefe do exercito, e chefe tambem da 6.ª repartição da direcção geral da secre-

taria da guerra, e da saúde, o mais elevado cargo a que pode chegar um cirurgião militar.

Poucos terão desempenhado taes funcções com maior competencia que o sr. Cunha Bellem, pois a seus vastos estudos scientificos reúne não inferiores conhecimentos praticos, dos quaes tem dado sobejas provas nas obras que tem publicado, e onde se affirmo o homem de sciencia, o homem de letras e o poeta.

Intelligencia vasta, largamente cultivada, principiou de revelar sua tendencia litteraria mesmo nos bancos da Universidade. Em Coimbra publicou em 1856, o seu primeiro livro de versos intitulado *Poesias*, ao qual se seguiram as *Novas Poesias* e uma satyra, *O Estudante*, que viram a luz em 1857.

Mas se as musas proviam ao seu espirito juvenil e vivaz, nem por isso desdenhava o estudo das sciencias, pelo que foi um dos estudantes mais laureados do seu curso de medicina, concluido em 1858.

Foi por este tempo que se dedicou á clinica, aceitando o ser medico de partido de Mangualde, onde os seus serviços foram apreciados e muito agradecidos.

Em 1859 alistou-se no exercito como cirurgião ajudante, servindo nos corpos: de artilheria 3, de cavallaria 4 e 8; de caçadores 4 e 12, de infantaria 11, 16 e 17, e no forte da Graça e hospital militar reunido em Chaves.

De animo activo, incansavel, o dr. Cunha Bellem é dos poucos que se tem conservado sempre no serviço; o que não tem impedido que elle tenha desempenhado condignamente as muitas e variadas commissões de que os governos o tem encarregado, no paiz e no estrangeiro.

Assim desempenhou e fez parte das seguintes commissões:

Commissão encarregada de organizar um projecto de novas tabellas de lesões para regular o serviço das juntas militares de saúde; commissão encarregada de organizar um novo formulario dos medicamentos para os hospitaes militares; commissão para elaborar um novo regulamento geral do serviço de saúde do exercito.

Egualmente fez parte da commissão do formulario dos medicamentos para os hospitaes militares, e da que devia apresentar uma nova lista de medicamentos, pensos, instrumentos eapparelhos cirurgicos para as mochilas, bolsas d'ambulancia, cantinas, e mais os artigos de cirurgia e de pharmacia para os fourgons do parque sanitario militar.

Tomou parte no congresso internacional de hygiene e sciencia medico-militar, de Paris, em 1878.

Assistiu ao congresso periodico internacional das sciencias medicas de Amesterdam, em 1879.

Foi nomeado representante especial do ministerio da guerra, junto do congresso medico que se realizou na cidade de Londres em 1881.

Nomeado representante do ministerio da guerra, compareceu no congresso medico que se realizou no cantão Genebra em 1882.

Foi nomeado representante especial do ministerio da guerra no congresso internacional de hygiene, celebrado em Vienna d'Austria em 1887.

Fez parte da commissão que procedeu á escolha de typos definitivos para os novos quartéis, hospitaes e edificios militares, em 1886.

Em 1890, vem-o eleito presidente da commissão encarregada de rever as actuaes tabellas de lesões e de elaborar uma nova tabella de doenças e lesões que permittisse a utilisação nos serviços auxiliares do exercito de todos os mancebos, que pelo seu estado de saúde ou constituição fossem improprios do serviço activo.

Director da Escola Maria Pia, vogal effectivo da Junta Consultiva de Saúde Publica, antigo inspector dos lazaretos terrestres das fronteiras, antigo presidente da Junta Escolar do Concelho de Lisboa, foi e é, ao presente, quem dirige e preside a commissão que tem por fim estudar a transformação do material sanitario de campanha.

A simples enumeração d'estes serviços falla alto, e é mais eloquente do que todas as phrases que pretendessemos aqui burilar para enaltecer os meritos do sr. dr. Cunha Bellem, sem duvida o mais brilhante ornamento da classe medico-militar do nosso paiz.

Não é menos importante a relação de suas obras scientificas e litterarias, que passamos a enumerar:

Obras scientificas: *Historia do corpo humano*. Lisboa 1874 — *Chuva e bom tempo*. Lisboa 1876 — *A vida medica no campo de batalha*. Lisboa 1879 — *La pâte de camphore à l'alcool dans le traitement des plaies chirurgicales*. Lisboa 1879 — *Massons la syphilis*. Lisboa 1880 — *La prophylaxie murale de la phthisie dans l'armée*. Lisboa 1880 — *Comment devinonum*

transporter nos blessés en campagne? Londres 1881 — *Les bossus et la méthode de M. Sayre*. Londres 1881 — *La syphilis en écho*. Londres 1881 — *A reforma do exercito e a classe medico-militar*. Lisboa 1885 — *Os serviços sanitarios de campanha*. Lisboa 1889 — *Os quartéis da guarnição de Lisboa*. 1890 — *Defeza sanitaria em 1890*. Lisboa 1891 — *Instrução das esquadras de maquirios regimentares*. Lisboa 1892 — *O material sanitario*. Lisboa 1894 — *Le faux cholera à Lisbonne*. Lisboa 1894 — *Brèves notions d'hygiène militaire*. Lisboa 1896 — *A lição da experiencia*. Lisboa 1897. De collaboração: *Clavões e reflexos do progresso medico*. Lisboa 1890 — *Os lazaretos terrestres da fronteira* (3 vol.) Lisboa 1886 — *A quinta conferencia internacional da Sociedade da Cruz Vermelha*. Lisboa 1887 — *Afirmaciones e duvidas sobre os progressos da hygiene*. Lisboa 1888 — *La prophylaxie internationale des cholera en Portugal*. Lisboa 1888 — *Agua mimeraes das Cucas*. Lisboa 1892.

Trabalhos pedagogicos (de collaboração): *Distribuição das escolas municipais do concelho de Lisboa*. Lisboa 1884 — *Projecto d'um codigo penal para as escolas primarias*. Lisboa 1886 — *Escola Maria Pia, relatorio*. Lisboa 1887 — *Escola Maria Pia*. Lisboa 1888.

Obras litterarias (romances): *Scenas contemporaneas da vida academica*. Lisboa 1863 — *Onde está a infelicidade*. Lisboa 1865 — *O filho do Padre Cura*, 2 vol. Lisboa 1870 (?) — *Maria, a flor da Beira no tempo da patuleia* (Na Revolução de Setembro). Lisboa 1883 (?) (versos) — *Poesias*. Coimbra 1856 — *Novas poesias*. Coimbra 1857 — *O Estudante* (satyra). Coimbra 1857 — *Abrantes*. Abrantes 1860 — *O meu senso e o meu gosto* (satyra). Lisboa 1866 — *Amores de primavera, comedia*. Lisboa 1876 — (Biographies): *M. Pinheiro Chagas, Manuela Lopes Rey, F. Lallemant, Duque de Loulé, Dr. João Clemente Mendes, Barão de Nova Cintra, Emilia Adelaide*. Na collecção do Contemporaneo. Lisboa 1867 — *Joaquim Henriques Fradesso da Silveira*. Bruxellas 1874 — *Joaquim Germano de Sousa Neves*. Lisboa (?) Diversos. — *Horacios e Euricacos*. Lisboa 1866 — *A reforma do exercito e a classe medico-militar*. Lisboa 1885 — *O tiro civil*. Lisboa 1897 — *Quinze dias na Hollanda*. Lisboa 1884 — *Le propriete litteraire et le traduction*. Lisboa 1880 — *Estreia litteraria*. Coimbra 1858 — *Escotiaste medico*. Lisboa 1867-1869 — *Gazeta dos hospitales militares*. Lisboa 1877-1884 — *Revolução de Setembro*. Lisboa 1871-1892 — *Correio da Europa*. Lisboa 1882 (?) — *Diario illustrado*. Lisboa 1872 — Collaboração assídua. — *O Constitucional*, *O Correio da Manhã*, *Artes e Letras*, *Preludios litterarios*, *a Voz do Alentejo*, *o Panorama*, *1610*, *O Occidente*, etc.

Para o theatro tem escripto varias comedias, representadas com agrado das plateas, das quaes conhecemos as seguintes: *Jose Exposto*, 1 acto; *Rapaçadas*, 2 actos; *As nupcias de Leshão*, 1 acto; *As cataratas*, 1 acto; *A flor de lorangeira*, 3 actos; *Amores de primavera*, 1 acto; *Casca Grossa*, 1 acto; *Marido, mulher e primo*, 1 acto.

A prodigiosa fecundidade do seu espirito não está ainda esgotada, e, antes pelo contrario, muito ha a esperar do talento e actividade do dr. Antonio Manuel da Cunha Bellem, apesar dos seus 63 annos de idade, pois nasceu em Lisboa a 17 de Dezembro de 1834.

Na politica pertence a velha guarda do partido regenerador, e quando Antonio Rodrigues Sampaio, o grande jornalista, deixou as columnas da *Revolução de Setembro* e foi repousar no tumulo das fadigas de uma vida de combate, o dr. Cunha Bellem ainda sustentou com a sua penna, e por bastantes annos, aquelle jornal, de cuja redacção fazia parte desde 1871.

Deputado em legislaturas seguidas, por Lagos, Val Passos e Evora, desde 1875 a 1886, affirmou os seus dotes oratorios como o mais distincto parlamentar.

Cunha Bellem é socio da Academia Real das Sciencias, da Sociedade Pharmaceutica Luzitana, da Sociedade da Cruz Vermelha e da Commissão Central 1.ª de Dezembro.

Differentes distincções officiaes, tanto portuguezas como estrangeiras, tem sido justamente conferidas ao dr. Cunha Bellem, e são ellas:

Medalha militar, de prata, correspondente ao comportamento exemplar, em 1875; commendador ordinario da real e distincta ordem de Carlos III, e de Isabel a Catholica, e cavalleiro da ordem da coroa da Prussia e da ordem da Roza do Brazil, em 1877; official da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico, em 1878; cavalleiro da ordem militar de S. Bento d'Aviz, em 1880; cavalleiro da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, pelos bons serviços prestados na organização e inspecção dos lazaretos terrestres, em 1886; commendador da ordem militar de S. Bento d'Aviz, em 1892;

medalhas de prata da classe de bons serviços, em 1894 e 1896, e de ouro, 1896.

Nestas breves notas está a biographia de um homem illustre por sua natural intelligencia, pelo saber e por uma vida de trabalho incessante.

A ENTREGA DO «ADAMASTOR» AO GOVERNO

Foi no dia 15 do corrente que a comissão executiva da Subscrição Nacional, fez entrega ao governo portuguez do cruzador *Adamastor*, acto que teve toda a solemnidade e que deu lugar a uma festa no Tejo como muito poucas se tem realisado em nossos dias.

A *Chronica* do ultimo numero do OCCIDENTE referiu-se largamente a esta solemnidade, e por isso publicando hoje a primorosa aguarella do sr. Pardal, que desenha o aspecto do Tejo, quando o *Adamastor* passava em frente da Torre de Belem, só temos em vista apresentar aos nossos leitores o deslumbrante quadro do Tejo n'aquella occasião, e archivar mais um documento valioso para a historia.

A esquerda da aguarella e no angulo superior, vê-se o *Adamastor* de popa, salvando ao içar da flamma e quando na camera do navio, reunida a comissão executiva, o sr. ministro da Marinha e o commandante, se assignava o acto de entrega do novo cruzador ao governo.

UM PASSO DE DANÇA

A graciosa gravura de Brand'Amour que apresentamos aos nossos leitores, representa uma scena intima, tão intima que a jovem se envergonharia da sua creancice, se fosse surpreendida por alguém, n'aquelle passo de dança ao som imaginario da pandereta do tocador bohemio, representado n'aquella formosa estatua decorativa.

Como ella fugiria depressa, meio envergonhada, meio risonha, um tanto contrariada por interromper aquelles momentos felizes, em que a sua imaginação viu n'aquella estatua muda e fria um tocador animado requebrando-se todo em reviravolta com a sua pandereta, e ella a seguir-lhe os movimentos, requebrando o corpinho gentil, em graciosos passos de dança, e nas voltas remirando-se no espelho fronteiro, onde tantas vezes tem ensaiado um sorriso, composto os seus cabellos, reflectido a formosura de seus olhos.

Pois não a surpreendamos? Deixemol-a entregue á sua phantasia e que nem o *tóbi* a desperte do seu sonho feliz com algum ganido indiscreto.

SOUSA MARTINS

Pois que breve differença de horas me impediu de assistir ao seu funeral, quero e devo prestar-lhe, d'este modo, a derradeira homenagem: que eu ficaria mal com a minha consciencia, se, em face de perda tão sensível e sob o imperio de tamanha dor, não praticasse acto de culto externo, a dar testemunho, embora modesto, mas sincero, dos sentimentos que me vão n'alma.

Bem sei quantos recursos de talento e de estylo se reclamam para escrever de homem como Sousa Martins, um cerebro crystallizado em diamante de innumerables facetas, um coração fundido em ouro do mais puro e fino quilate; bem sei que aquella encarnação de uma essencia quasi divina não pode ser condignamente avaliada e commemorada por quem rasteja no pó vil da humanidade; todavia, como no mortal, ainda o menos proximo do ser ethereo, ha sempre uma scintilla do que quer que seja de sobre-humano na grandeza immaculada do sentimento, será essa a homenagem purissima que eu renderei á memoria de Sousa Martins; e embora seja tibia e froixa a concepção intellectual, desbotada e pallida a ornamentação do estylo, creio e espero que este escripto terá ao menos um tenue brilho, no affecto que o inspira e que o aquece da primeira á ultima linha.

E que eu, se conheci pouco Sousa Martins, admirei-o muitissimo; e em dizer admiração expri-mo incompleto o meu sentimento, que de fanatismo e adoração partilhava.

Quando a essencia celestial do seu talento se evaporava no perfume do conceito sublime e de transcendentes concepções, os espiritos curvavam-se reverentes, em adoração, perante superioridade tal; mas quando o seu verbo, caloroso, vehemente, inspirado, torrencial, retumbava, nos estros da elo-

quencia, os animos confrangiam-se de apoucados, sem elasticidade nem vigor para resistirem áquella fascinação dominadora, os cerebros não racio-navam senão sob o imperio e dominação d'aquella palavra de fogo, e o orador, sobre fazer proselytos para a sua doutrina, fazia fanaticos, promptos a morrerem para defendel-a!

Foram breves as minhas relações com Sousa Martins; mas foram intensas, porque, enquanto eu lhe consagrava uma veneração sem limites, sabia ter-lhe merecido a honra de uma estima, generosa, mas sincera.

Devera-lhe um antigo e nunca esquecido tributo de gratidão, pela captivante presteza com que elle tinha accorrido junto ao leito de minha filha, a collaborar, com o farto peculio do seu saber e bom criterio profissional, na solução de um problema pathologico, em que andavam empenhadas com inolvidavel dedicacão, muitas das summidades medicas d'esse tempo; devi-lhe, no convívio da junta consultiva de saude publica, tantas e tão assignaladas provas de deferencia, tanta e tão generosa longanimidade, nos debates em que sustentavamos opiniões divergentes, que tive, com justificado orgulho, de me confessar um dos fatisados pela omnipotencia dominadora da sua tão característica individualidade.

Era um sábio. Ninguem o duvida. A physiologia, passando através da apreciação d'aquelle cerebro privilegiado, tinha scintillações novas, surprehentes revelações scientificas; a pathologia geral, explanada por elle nas suas preleções de professor, ganhava grandezas imprevisas, arrojos como os de aguia a fitar o sol, encantos e fascinações na magia da sua palavra correcta, fluente, inspirada; a therapeutica e a materia medica, a pharmacologia e a hygiene perdiam a sua natural aridez, e como que se engrinaldavam de flores, quando tratadas ao calor do seu talento e ao fogo vivacissimo da sua eloquencia.

Era um bom. Dil-o a historia de toda a sua vida, sem que haja mister relembrar factos, que estão na mente de todos, e que bastariam, de per si, a fazer a apothese do medico e do homem.

Mas, ainda superior a tao altos dotes, se superioridade se pode imaginar ao que é infinitamente grande, Sousa Martins tinha o condão sublime da delicadeza dos sentimentos. Era um fino, em toda a extensão da palavra, — na cortezia do trato, na inspiração e apreciação artistica, na pureza do erer e do sentir, na extrema susceptibilidade d'alma, na grandiosidade dos affectos.

Elle, que quasi parecia estar pedindo desculpa aos outros de os fascinar com a sua supremacia intellectual, elle, que pretendia nivelar com actos da mais vulgar naturalidade os que bastavam a caracterisar a sua grandeza moral, elle enthusias-mava-se como uma creança ou melhor, como um artista pleno de ingenuidade, pelas manifestações multiplas do talento alheio, pelos actos nobres por outrem praticados pela vibração dos grandes sentimentos, como o amor da patria, o amor da familia, o affecto sincero dos amigos.

Medico e professor, podia ter limitado a sua actividade espirital ao ensino na cathedra escolar, ao exercicio glorioso da clinica, tanto nos hospitaes, como na assistência particular, isolando-se, com uma blindagem de egoismo, para todos os outros sentimentos e affectos.

Mas a exuberancia d'aquella vida, que devia ter em intensidade o que lhe faltaria em extensão, a tudo chegava e por todos os campos se expandia, vibrando de commoção e de enthusiasmo a todos os nobres e grandes estímulos.

O meu bom collega Barros da Fonseca, — que é uma intelligencia, um caracter e um coração, e como tal apto a apreciar, na sua triplice unidade, o ser complexo e completo de Sousa Martins, — dizia-me, ha pouco, que era este o prototypo do medico, tal como a phantasia mais correcta e ao mesmo tempo mais exigente o podesse imaginar.

E dizia bem! Que se a pintor celebre ou a inspirado poeta se pedisse a synthetisação do ideal de um medico, a tela reproduziria aquella nobilidade expressiva de feições, aquelle sorriso, ora meigo, ora ironico, aquella cabeça escultural e inconfundivel, aquelle audaz franzir de sobrancelhas, quando perscrutava os arcanos da natureza, ou se alava ás mais altas concepções da sciencia, aquella debilidade de compleição, — corpo de gaze a conter um espirito de fogo e a ser por elle incendiado; e o poeta, na môr sublimidade do seu estro, diria em versos, — agora dulcissimos de brandura, logo terços e clamorosos, — a grandeza de um coração affectuoso, que amava os pobres, os enfermos, os desgraçados, com a mesma exuberancia de caricias com que sabia amar os que lhe eram queridos pelos laços do sangue ou pelos da amizade, um coração que era urna sa-

cratissima de nobres e altivos sentimentos, do brio, da honra, do desinteresse e do patriotismo, um coração de tão primorosos dotes que só tinham rivales nos dons sublimes do privilegiado talento.

Quem conhecesse Sousa Martins e quizesse synthetisar o typo ideal do medico, não encontraria outra modelo, por mais que, entre tantos collegas seus distinctissimos, o procurasse.

Com a sua toga negra e o seu barrete de professor, aquella figura pallida, angulosa, diaphana, a reverberar scintillação de intelligencia nos olhos, a fazer adivinhar profundezas de investigacão no aspecto reflexivo, a pronunciar feitiços e encantamentos na melopeia de sua phrase divina, Sousa Martins dava a ideia vaga, phantastica, indefinida de um mago ou feiticheiro de outros tempos; mas feiticheiro do bem, mago que praticava os sortigellos da sciencia para salvar muitas vidas, ente sobrenatural que tinha a magia da attracção dos espiritos pela esmola, que dava na lição a uns, no conselho a outros, no soccorro a muitos, e nas boas obras e melhores affectos a todos.

Sousa Martins, considerado no complexo da sua physionomia moral, era um phenomeno, um ser excepcional, d'estes, que a natureza ás vezes, em gestação maravilhosa, produz para honra e lustre da humanidade.

Que importa perscrutar do local do nascimento, se homens d'esta estatura intellectual pertencem ao mundo inteiro, pertencem á grande communhão internacional dos sabios!

Coube a Portugal a gloria de o ter por filho, filho amantissimo, que sempre entre estranhos honrou a patria, que sempre, nas suas magoas e revezes, sentiu n'alma os estremecimentos de dor, os impetos de indignação, os esforços da lucta, a boa vontade no patriotismo illustrado e reflectido.

Não precisara ter vivido tanto para a sua gloria, e viveu escassamente para a gloria nacional e para os affectos amigos, era velho; pela madureza do conselho e opulencia de cabedades scientificas, era juvenil, pela perenne juvenillidade do seu fino espirito, pelo calor, pelo enthusiasmo, pelo fogo sagrado dos sentimentos que lhe aqueciam a alma. Morreu pranteado de todos, de um ao outro extremo do paiz, desde os fastigos da escala social, até ás mais obscuras e modestas camadas da plebe, e quiz, modesto na morte como na vida, dormir o somno eterno na sua Alhandra querida, ao lado da mãe adorada, do tio, que lhe foi protector desvelado na meninice e d'essa bondosissima senhora, que teve as mais sublimes dedicações e sollicitudes de enfermeira, e que de breves dias o procedeu no tumulo.

Morreu! E o seu passamento deixou immersa em lucto a alma nacional.

Perdulario sublime, dispendeu ás mãos-cheias os fructos do seu talento, as flores da sua eloquencia.

E nem elle, comquanto escriptor de raça, enthesouros para a posteridade esses primores, nem houve mão piedosa e patriótica que evitasse a perda de joias de tal valia.

As suas preleções, além do encanto de forma, tinham tal opulencia de doutrina que dal-as á publicidade teria sido o mais erguido e perduravel monumento que poderia levantar-se á sua memoria.

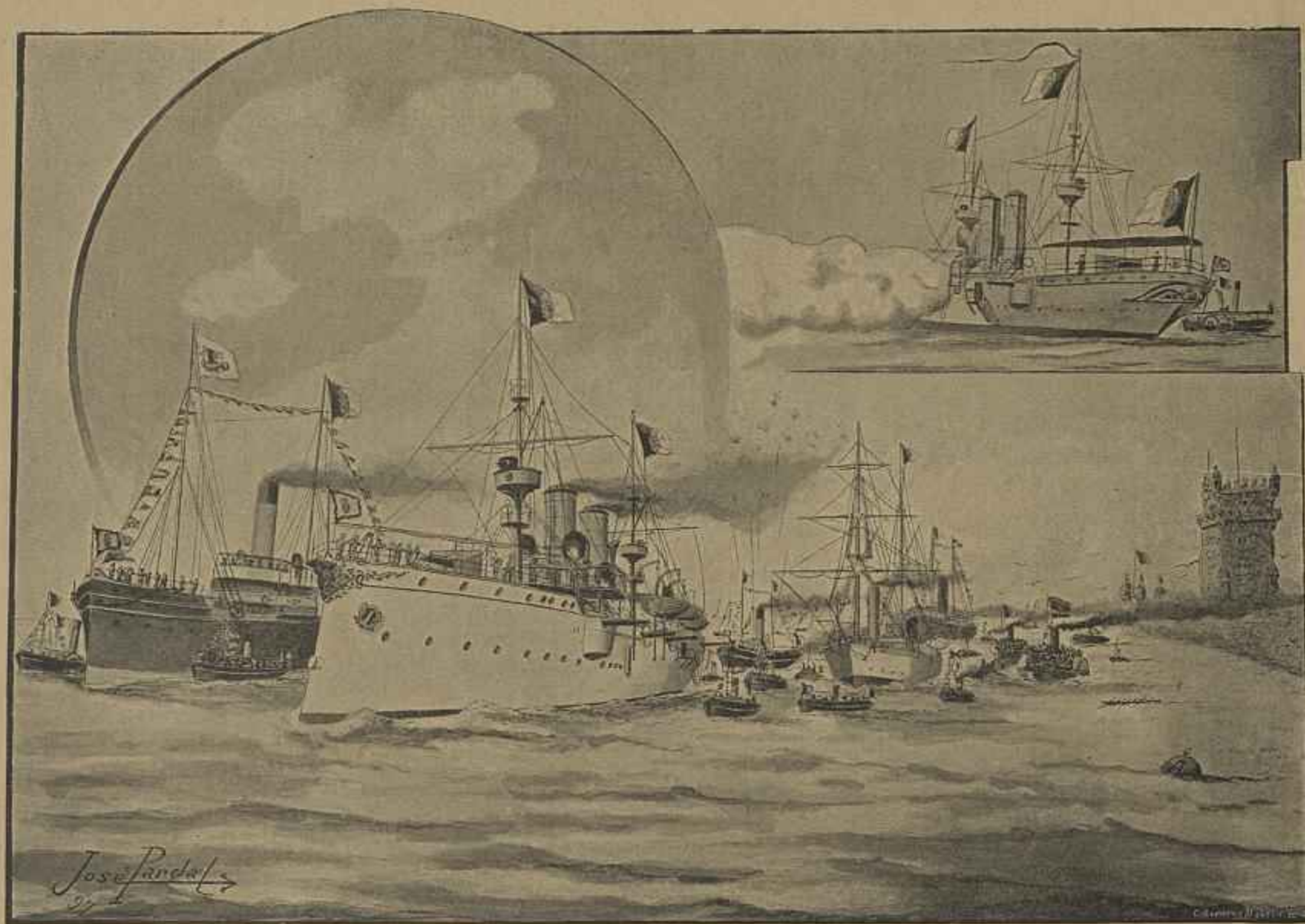
E todavia de tantas gerações de rapazes inteligentes, estudiosos, que admiravam e adoravam o mestre, não houve um só que se lembrasse de compendiar, de colligir, de prender materialmente pela imprensa aquella palavra inspirada, torrencial, brilhante e substanciosa, que fazia o encanto dos cursos, e podia fazer a gloria da patria.

Raça de inertes!

E talvez ainda tempo! A memoria da juventude é facil e espontanea. Todos congregados, os alumnos dos mais recentes cursos, poderão talvez reproduzir a doutrina das lições, dar-lhes a roupagem de um estylo a aproximar-se do do sábio professor, cujas phrases, pedidas á reminiscencia de espiritos juvenis, lograrão ser reproduzidas quasi textualmente, ou pelo menos com o cubho de individualidade do mestre, embora sem o brilho da sua inspiração, — pallidas como photographias, quando comparadas ao original vivo!

Mas, apesar de todos os defeitos e de todas as imperfeições previstas, ainda vale a pena tentar o esforço, para que de todo se não percam thesouros insubstituiveis.

Hoje, que a dor da immensa saudade e a consciencia da enormidade da perda são na alma portugueza estímulos para honrar a memoria do glorioso medico, seria justificada a tentativa.



ENTREGA DO «ADAMASTOR» AO GOVERNO PORTUGUEZ — O GRANDE CORTEJO FLEVIAL NO TRIGO, 13 DE AGOIRO DE 1897
(Aquarella do sr. Jose Parda)

Se d'elle não restarem mais que trechos dispersos, phrases soltas, artigos de occasião, conceitos de polemica, apreciações de *omni re scibili*, scintillações ephemeris d'aquella fulgentissima luz que se apagou, tudo isso são valores, que se devem congregiar e reunir n'um sacrario.

Imitação de um soneto de Camões

(ADDITAMENTO)

No n.º 663 d'este periodico imprimi, com uma brevissima noticia do seu auctor, um soneto de

alterarei em parte o que então disse no mesmo artigo.

O bibliographo Beristain assigna por berço a Terrazas a Nova Hespanha (Mexico). Cervantes na sua *Galatea* é de identica opinião, conforme se prova dos seguintes versos:



UM PASSO DE DANÇA — GRAVURA DE BRENDO'AMOUR

E depois, que o eloquencia perduravel da pedra ou do bronze diga aos posteros que a grandeza moral, intellectual e affectiva de Sousa Martins, só foi sobrepujada pela grandeza do sentimento de uma nação inteira, ao perdê-lo!

A. M. da Cunha Bellem.



Francisco Terrazas, poeta mexicano, por o julgar imitação de outro de Camões que principia:

Tornae essa brancura á alva açucena;

hoje porém, graças ao conhecimento que adquiri da obra: *Historia critica de la poesia en Mexico*, escripta por Francisco Pimentel, e publicada na capital d'aquella republica em 1892, ampliarei o

De la región antártica podría
Eternizar ingenios soberanos,
Que si riqueza hoy sustenta y cria
También entendimientos sobrehumanos:
Mostrarlo puedo en muchos este día,
Y en dos os quiero dar llenas las manos,
Uno de Nueva España, y nuevo Apolo,
Del Perú el otro, un sol único y solo.

Francisco el uno de Terrazas tiene
El nombre acá y allá tan conocido,
Cuya vena caudal nueva Hipocrene
Ha dado al patrio, venturoso nido:
La mesma gloria igual al otro viene
Pues su divino ingenio ha producido
En Arequipa eterna primavera,
Y este es Diego Martínez de Ribera.

No *Apéndice á Biblioteca de Beristain*, Fernandez Ramirez attribue-lhe porém essa naturalidade como provavel, e pela razão de seu pae ficar estabelecido no Mexico, onde teve varios descendentes legitimos e illegitimos.

Foi Francisco Terrazas filho primogenito de outro de equal nome, o qual acompanhou Cortez na conquista d'aquelles vastos territorios e serviu o lugar de seu mordomo.

Nada traz Pimentel quanto á data do seu nascimento; e quanto á da sua morte só que em 1604 já era fallecido. Com respeito ás suas obras conhece apenas tres sonetos e alguns fragmentos de um poema intitulado: *El nuevo mundo*.¹ Os sonetos acham-se no *Ensayo de una Biblioteca española de libros raros y curiosos* (Madrid, 1863, tomo II), e pertencem a uma compilação de *Flores de varias poesias*, feita no Mexico em 1577. Os fragmentos foram publicados nas *Memorias de la Academia Mexicana*, correspondente da Academia Hespanhola (tomo II).

Pimentel transcreve dois dos sonetos, não fazendo o mesmo ao terceiro por ser de argumento impudico. Um é o que já imprimi e o outro o seguinte:

A una dama que despabiló una vela con los dedos

El que es de algun peligro escarmentado
Suele temello más que quien lo ignora:
Por eso temi el fuego en vos, señora,
Quando de vuestros dedos fué tocado.

Mas vistas que temor tan excusado
Del daño que os hará la vela agora?
Si no os ofende el vivo que en mi mora,
Como os podrá ofender luego pintado?

Prodigio es de mi daño, Dios me guarde,
Ver el pabito en fuego consumido,
Y acudirle al remedio vos tan tarde:

Señal de no esperar ser socorrido
El misero que en fuego por vos arde,
Hasta que esté en ceniza convertido.

Já estamos ao facto do encarecido elogio de Cervantes a Terrazas; pois ainda mais encarecido é o do epitaphio que para elle compoz Alonso Perez:

Cortés con sus maravillas,
Con su valor sin segundo,
Terrazas en escribillas
Y en proprio lugar subillas
Son dos extremos del mundo.
Tan extremados los dos,
En su suerte y su prudencia,
Que se queda la sentencia
Reservada para Dios,
Que sabe la diferencia.

Emparelhando com Alonso Perez na hyperbole, Arrázola escreveu a seu proposito:

Los vivos rasgos, los matices finos,
La brava hazafia al vivo retratada
Con visos más que Apolo cristalinos;
Como del mesmo Apelles dibujada,
Ya con misterios la dego divinos
En el octavo cielo colocada
Francisco de Terrazas, fenix solo,
Unico desde el uno al otro polo.

Pimentel fica muito á quem dos estupendos elogios de Cervantes, Perez, e Arrázola, pois, quanto aos sonetos, julga-os de estylo affectado, e, quanto aos fragmentos, eis aqui em resumo o seu juizo: «episodios sin enlace con la accion principal, versos mal medidos, consonantes triviales, caídas prosaicas; por otra parte, lenguaje castizo, tono poetico, trozos agradables y aun interesantes, y, en el conjunto, un termino medio conveniente entre el prosaismo y el gongorismo... Es, pues,

¹ É o mesmo titulo do poema do nosso compatriota Francisco Buitinho de Moraes e Vasconcellos, impresso em Barcelona em 1701. O de Terrazas não vem mencionado na *Bibliographia Colombiana*, que sahio á luz em Madrid em 1892, por occasião do quadricentenario do descobrimento da America.

muy de sentirse (acrescenta) que Terrazas no hubiera concluido su obra y que ni siquiera lo que escribió tengamos completo.»

Dos fragmentos publicados o que a Pimentel parece de mais merecimento litterario é o que se refere ao saque de Nancol, onde residiam tranquillamente dois jovens amantes, Huitzel, filho do rei de Campeche, e Quetzal, filha do rei de Tabasco.

Diego Muñoz Camargo na sua *Historia de Tlaxcala*, cita um *Tratado del aire y tierra*, composto por Francisco de Terrazas, em que se contavam os trabalhos que Cortez e seus companheiros passaram na expedição de Hibueras. Como o filho e o pae tinham nomes eguaes, duvida-se de qual d'elles seria. Pimentel inclina-se a que é do filho, por não constar que o pae fosse escriptor, visto não ter fundamento a opinião que lhe attribue a celebre relação conhecida pelo titulo: *El conquistador anonimo*.

No meu primeiro artigo, persuadido pela similiação dos dois sonetos de Terrazas e de Camões, supuz aquelle imitação d'este; hoje porém quasi que ponho de parte essa opinião, para seguir outra muito differente e que se me antolha mais razoavel.

O soneto de Camões não vem na edição princeps das *Rimas* publicada em 1595, nem na segunda publicada em 1598, ambas, como se sabe, posthumas; desde então até 1604, anno em que já se dá Terrazas fallecido, não se estampou nenhuma outra; d'ahi conclue-se não conhecer impresso o poeta mexicano o soneto do poeta portuguez; o que não obsta a que o conhecesse manuscrito; embora seja pouco provavel, ou no Mexico, para onde qualquer acaso o pudera ter levado, ou em Hespanha ou Flandres ou Italia ou Portugal, se n'algum d'estes paizes por ventura esteve Terrazas.

Sendo porém o soneto de Terrazas dado á luz, como vimos, no Mexico em 1577, isto é, ainda em vida de Camões, pode tambem supor-se que foi este que imitou e não que foi imitado; mas a obscuridade do nome de Terrazas, em comparação do de Camões, a immensa distancia de Portugal ao lugar da impressão, e mormente o breve espaço de tempo que mediou entre ella e a morte do grande cantor, tres annos apenas, tornam improvavel a conjectura, restando a unica de Camões o conhecer manuscrito, o que deve reputar-se pouco verosimil, attendendo sobretudo á primeira das razões adduzidas.

O que pois se me apresenta digno de mais acceitação é: que tanto Camões como Terrazas se encontrassem, não porque um imitasse o outro, mas porque ambos imitassem uma mesma poesia. Se essa poesia incognita era em portuguez, hespanhol ou italiano ignoro-o; contudo atrevo-me a aventurar muito a medo que seria italiana, por se encontrarem outrosim os dois poetas no gosto e admiração d'esta litteratura: Camões, como é obvio da simples leitura das suas *Rimas*, onde tanto se entevê Petrarca; e Terrazas, porque Balthasar Dorantes, citado por Fernando Ramirez, afirma que elle foi poeta não só latino e castelhano, mas igualmente toscano; nem este gosto e admiração devem extranhar-se, por ser a corrente litteraria da epocha em Portugal e em Hespanha; e ainda, no tocante a Terrazas, porque, segundo Pimentel, não só elle, mas tambem outros poetas mexicanos tiveram como familiar o uso d'aquella lingua, já traduzindo, já compondo originalmente, em todo o tempo que durou a dominação hespanhola.

Essa quasi idolatria pelos poetas italianos e pelo cantor de Laura principalmente, então implantada com raizes tão fundas na peninsula, levava os das duas nações, portugueza e hespanhola, até os maiores, umas vezes a tomar-lhes uma simples estancia, ou mesmo um simples verso com que mais sympathisavam ou que se havia tornado, por assim dizer, popular, para começo das suas produções, outras a imitar só parte das suas poesias, outras a desenvolver a ideia geral d'ellas de um modo parecido, outras a paraphraseal-as, e outras finalmente quasi a traduzil-as.

Do primeiro caso temos exemplo em Camões no verso:

Foi já n'um tempo doce coisa amar,

primeiro de um dos seus sonetos e que parece inspirado pelo primeiro de um soneto de Petrarca:

Fu forse un tempo dolce cosa amore.

No segundo caso está o soneto de Camões que principia:

Eu cantarei de amor tão docemente,

cujas duas quadras seguem muito de perto as duas do soneto de Petrarca, que começa:

Io cantarei d'amor si novamente.

Para o terceiro caso apontarei o de Camões:

Coitado, que em um tempo choro e rio,

egual na contextura e na ideia principal ao de Petrarca:

Pace non trovo e non ho da far guerra,
E temo, e spero, ed ardo, e son un ghiaccio.

e o outro de Camões:

O culto divinal se celebrava,

parecido com o de Petrarca:

Era il giorno che al sol si scoloraro
Per la pietà del suo Fattore i rei:

parecencia, d'onde os inventores de fabulas camoneanas concluiram, sem provas: que, assim como o de Petrarca fora feito, segundo se diz, ao principio dos seus amores com Laura, durante a semana santa, o de Camões o fora tambem ao dos seus, por occasião da mesma festividade, com D. Catharina d'Athayde.

Quanto ao quarto caso, lembra-me o soneto de Camões:

Qual tem a borboleta por costume,

que é uma verdadeira paraphrase do de Petrarca:

Come talora al caldo tempo suole
Semplicetta farfalla al lume avvezza.

E, quanto ao quinto, o de Camões:

Vos que escutais em rimas derramados,

o qual é, por assim dizer, uma tradução do de Petrarca:

Voi ch'ascoltate in rime sparse il suono.¹

O soneto em questão pertence ao primeiro exemplo do terceiro caso.

Muito a medo escrevi eu que aventurava a ideia de ser a poesia imitada por Camões e por Terrazas italiana, e escrevi-o porque poderia ser por justos motivos portugueza ou hespanhola, mas principalmente hespanhola; pois, embora em ambas as nações peninsulares preponderasse então o gosto d'aquella litteratura, em Hespanha alvorecera elle antes, e tomara logo mais raizes, pelas suas continuas e intimas relações com Italia, em cuja politica n'essa epocha tanto influia, como dominadora do Milanez e de Napoles. Já Meina, que viveu na primeira metade do seculo xv, imitará Dante no seu *Labirinto*; mas na primeira do xvi é que aquelle gosto acabou de triumphar na patria do Cid com Boscan e com

¹ Como se vê, limitel-me a Camões para os exemplos. Quanto maior porém não seria a colheita d'elles, se me estendessem aos demais poetas da escola italiana, que tão longo tempo durou e que tantos produziu: tantos, cujas obras lograram o beneficio da tempoza; tantos, que não tiveram essa fatalidade, e de que só conhecemos algumas produções por copias as vezes incorrectas; e tantos, que nem mesmo essa pequena ventura alcançaram, porque ou as perderam de todo as suas poesias ou por falta de indicações dos copistas e levandade ou incapacidade dos criticos, foram privados completamente da gloria d'ellas, para enriquecer a de autores extranhos, sobretudo dos mais conhecidos, e augmentar-lhes as obras! De todos estes autores é do certo Camões o que tem attrahido a si, sem admira, por ser o de brilho mais intenso, o maior numero de composições, corrente fatal que continua e promete continuar, não com vantagem, antes, com prejuizo do nome do vale immortal, pois os acrescentados, sem o respeitarem e sem respeitarem o alheio trabalho, attribuem-lhe, por poder que seja, qualquer composição poetica, contanto que se approxime da sua maneira e da maneira da escola italiana, como se esta escola não fosse o gosto dominante de um largo periodo, mas só o monopolio d'alguns poucos escriptores e principalmente do cantor dos *Lucidos*?

Nem se contenta a appropriação com os poetas anonymos ou desconhecidos que não viram a luz publica; vai muito além; e chega até á paternidade litteraria alguns, cujas obras se imprimiram, já não direi posthumas, pois sobre essas pode mover-se duvida, mas durante a sua vida; e que se dá, entre outros, a mais do que com outros, com as pretendidas usurpações de Bernardes, o qual, só porque o affirmou injusta e acriminosamente Faria e Sousa, é tido como plagiario de Camões!

Garcilasso, cognominado pelos seus o Petrarca hespanhol, tanto o como o outro contemporaneo do imperador Carlos V: ao passo que, parallelamente a estes, Sá de Miranda e Ferreira o introduziam em Portugal, onde, dentro de poucos annos, subiria ao apogeu, sublimado e apurado pelo genio incomparavel do grande epico. Não seria portanto de extranhar que Terrazas e Camões tomassem para modelo uma poesia hespanhola da escola italiana, Terrazas, por ser da sua propria lingua, e Camões, pelo muito que escreveu n'ella, e pelo muito que manuseou os seus poetas, d'entre os quaes sobresahiam Boscan e Garcilasso.

Ramos Coelho.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

(VEPSÃO)

(Continuado do numero anterior)

XX

Entrei em Guamanga e alojei-me na hospedaria. Ahi, encontrei um soldado que gostou muito do cavallo; vendi-lhe-o por duzentos pesos.

Depois, fui visitar a cidade. Pareceu-me bonita, cheia de bellos edificios, os melhores que admirei em todo o Peru. Vi tres conventos de religiosas de Nossa Senhora das Mercês, de franciscanos e de dominicanos, um mosteiro de freiras, um hospital, uma grande multidão de indios e numerosos hespanhoes.

O clima é agradavelmente temperado. Estende-se a cidade n'uma planicie que não é quente nem fria; muito rica de trigo, vinho, fructas e legumes diversos.

A igreja principal é boa, com tres prebendas, dois canonicatos e um santo bispo, D. frei Agostinho de Carvajal, religioso agostinho, que foi para mim um medico dedicado. Bem cedo me faltou elle, morrendo repentinamente em 1620. Era bispo, ao que se dizia, desde 1612.

Permaneci durante certo tempo em Guamanga, e o azar quiz que eu entrasse algumas vezes n'uma casa de jogo. Um dia, em que eu estava lá, appareceu o corregedor Baltasar de Quiñones, que encarando muito comigo me perguntou:

— De onde é o senhor?

— Da Biscaya, respondi eu.

— E de onde veio agora?

— De Cuzco.

Tornou elle a examinar-me, e passados alguns instantes, disse-me:

— Pois bem, está prezo.

— Porque não, repliquei eu, e puxando da espada, recuei até a porta.

O corregedor começou a gritar:

— Soccorro! Em nome do rei, agarrem esse homem.

A porta, encontrei uma tal resistencia que não pude sahír. Mostrei aos que me impediam a fuga uma pistola de tres canos.

Deixaram-me então passar, e eu desapareci rapidamente para me ir occultar em casa d'um novo amigo cuja amizade adquirira havia pouco. O corregedor correu atraz de mim, apprehendeu a mula e algumas miudezas diversas que tinha na hospedaria.

Estive alguns dias occulto no domicilio do referido meu amigo, durante os quaes vim a descobrir ser elle tambem biscainho. Entretanto, não se ouvia nem palavra a respeito da aventura, chegando a parecer que a justiça já se não occupava de tal caso.

Todavia, pareceu-nos prudente o mudar de ar, conquanto não fosse mais salubre n'outro lado do que allí. Decidiu-se a partida, e, em certa noite, sahi.

Ainda não teria dado uns dois passos fora de casa, logo quiz a minha pouca sorte que encontrasse dois alguacis.

— Quem vem lá?

— Um amigo.

— O seu nome?

— Diabo!

A resposta não era muito plausivel, quizeram prender-me, mas eu desembainhei logo a espada. Grande confusão. Gritavam ambos:

— Soccorro! soccorro! Acudam!

Logo se ajuntou grande multidão. O corregedor sahi de casa do bispo. Os meirinhos agarraram-me violentamente. Vendo-me preso, disparei um tiro de pistola sobre um d'elles que logo cahiu por terra.

O tumulto redobrou.

O meu amigo biscainho e alguns outros nos-

sos compatriotas collocaram-se ao lado de mim.

O corregedor, enfurecido, berrava:

— Matem-n'o, matem-n'o.

Os tiros partiram de todos os lados. As balas sibilavam em mil direcções.

De repente, allumiado por quatro brandões accesos, appareceu o bispo e entrou na refrega. O seu secretario, D. Juan Bautista de Arteaga encaminhou-se para mim. Avancou alguns passos e disse-me:

— Senhor alférez, dê-me as suas armas.

— Senhor, repliquei-lhe eu, tenho aqui muitos inimigos.

— Entregue-m'as, insistiu elle; estara em segurança commigo, e dou-lhe a minha palavra que o tirarei d'aqui são e salvo, custe o que me custar.

Então, exclamei:

— Illustrissimo senhor, logo que estejamos na igreja, beijarei os pés a vossa muito illustre senhoria.

No mesmo instante, quatro escravos do corregedor saltaram sobre mim, sacodindo-me violenta e ultrajosamente, sem o menor respeito por uma tão gloriosa presença, de maneira que ao defender-me fui obrigado a jogar de mãos atirando com um dos escravos de pernas ao ar.

O secretario do senhor bispo, de espada desembainhada e de escudo no braço, veio em meu auxilio com outras pessoas de sua companhia, verbando em altos gritos uma tal falta de respeito.

O motim apasiguou-se.

Sua Illustrissima Reverendissima tomou-me pelo braço, tirou-me as armas das mãos e, levando-me a seu lado, conduziu-me ao palacio episcopal.

Mandou logo pensar-me um pequeno ferimento que eu tinha, deu-me de cear e cama para dormir, e, fechando-me, levou a chave. Veiu pouco depois o corregedor e teve, a meu respeito, com Sua Senhoria uma longa e tempestuosa conversação, da qual fui mais tarde amplamente inteirado.

No dia seguinte, pelas dez horas da manhã, Sua Illustrissima, mandou-me ir á sua presença, perguntou-me quem eu era, onde tinha nascido, quem fora meu pai, e tudo o mais da minha vida, as causas e os motivos que me tinham levado até allí, detalhando minuciosamente o seu interrogatorio de envolta com muito bons e são conselhos sobre os perigos da vida, o temor da morte, sempre imminente, e os horrores que na outra vida encontra uma alma mal preparada, exhortando-me enfim a regenerar-me, acalmando o meu espirito tão inquieto e indomavel como turbulento e a ajoelhar deante de Deus, convicto e animado da mais pura fé.

Vendo e ouvindo um tão santo homem, senti-me pequeno, como se estivesse na presença de Deus, confessei tudo e disse-lhe:

— Senhor, o que eu contei a Vossa Senhoria Illustrissima é falso. Eis a verdade:

«Sou mulher, nascida em tal parte, filha de fulano e fulana, mettida em um convento em certa idade com uma minha tia; ahi cresci, tomei habito e fui noviça; e quando estava prestes a professar, evadi-me por esse motivo, dirigi-me a tal lugar, mudei de vestuario, cortei os cabellos, fui aqui e allí andei embaraçada, abordei trafiquei, matei, ferí, roubei e corri até onde me encontro prostrada aos pés de Vossa Senhoria Illustrissima.

Durante todo o tempo que durei a minha narração, o santo bispo esteve suspenso, de ouvido attento, bocca fechada sem pestanejar sequer!

Quando acabei, ficou elle por muito tempo sem pronunciar palavra e chorando abundantes lagrimas. Por fim, disse-me que fosse comer alguma coisa e descansar um bocadinho; tocou uma campainha e veiu um velho capellão que me conduziu ao seu oratorio.

Poseram allí a meza e um colchão, fechando-me depois. Deitei-me e adormeci.

Cerca das quatro horas da tarde, o senhor bispo mandou-me chamar e fallou-me bondosamente, com uma immensa grandeza d'alma, dizendo-me que agradecesse muito a Deus a misericórdia que sempre usara para commigo, e ainda mostrando-me o caminho de perdição que me conduzia ás penas eternas.

Exhortou me a que passasse em revista toda a minha vida e a que fizesse uma boa confissão, porque considerava a primeira bastante incompleta e pouco sincera; e que depois d'essa prova de arrependimento, com a ajuda de Deus, se faria o que parecesse melhor. Em ties e similhantes disposições, se acabou o dia. Retirei-me então, e depois de uma boa ceia, fui deitar-me.

Na manhã seguinte, o senhor bispo disse missa, estive a ouvir-a. Depois de ter feito a sua oração, dando graças a Deus, levou-me para almoçar com elle. Retomou e proseguiu o discurso da

vespera, e conveiu em que considerava o meu caso como o mais notavel de todos os que ouvira na sua vida. Acabou por dizer:

— Mas é bem verdade tudo isso?

— Sim, senhor, respondi eu.

— Não vos deve admirar, replicou elle, que uma tão singular vida de aventuras cause em mim certa incredulidade e incerteza.

Objectei-lhe então:

— Senhor, assim parece; porem, se uma prova dada ante mulheres merecer a confiança de Vossa Senhoria Illustrissima, eu prestal-a-hei de boa vontade.

— Sim, consinto e acreditarei n'ella piamente.

Retirei-me, porque eram horas de o senhor bispo dar audiencia. Ao meio dia, jantei, e deitei-me depois um bocadinho. A tarde, pela volta das quatro horas, entraram no meu quarto duas mulheres, que me examinaram muito a sua vontade, e que declararam depois na presença do bispo, sob juramento, haverem-me visitado e observado quanto fora necessario para poderem certificar ser eu mulher e estar tão intacta e virgem como na hora em que nascera.

Sua Illustrissima interneeceu-se muito, despediu as duas comadres e mandando-me comparecer, acompanhada do capellão, abraçou-me effusivamente e, pondo-se de pe, disse-me:

— Minha filha, agora acredito sem duvida alguma em tudo o que me disse, e d'ora ávante acreditarei em tudo o que me disser; admiro-a e respeito-a como uma das pessoas mais notaveis d'este mundo e prometto assistir-lhe com todo o meu valimento e de me empregar em seu favor e no serviço de Deus.

Foi-me depois destinado um quarto muito decentemente disposto. Ahi me installei com bastante commodidade, preparando-me para uma confissão geral, que fiz o melhor que me foi possivel.

Depois d'esse acto solemne, Sua Senhoria, deu-me a communhão.

O caso divulgou-se, e a concorrência dos curiosos foi enorme. Apesar do mal-estar e enfado que as visitas causavam a mim e ao bom do bispo, não foi possivel recusar a entrada as pessoas de mais distincção e importancia.

Emfim, passados uns seis dias, Sua Senhoria determinou fazer-me entrar no convento de freiras de Santa Clara de Guamanga. Era a unica casa de religiosas que lá havia. Tomei habito.

O bispo saiu do palacio episcopal, levando-me a seu lado, no meio de tanto povo que, com toda a certeza estava allí a cidade inteira, de maneira que levámos muito tempo a chegar ao convento.

Emfim, dirigimo-nos para a porta principal, mas houve que renunciar a entrar na igreja, onde Sua Senhoria queria ir primeiro, porque ella estava cheia de gente.

A porta de serviço, esperava-nos toda a comunidade de tochas accesas. Ahi a abbadessa e as freiras mais antigas assignaram um auto pelo qual a comunidade se obrigava a entregar-me ao prelado ou ao seu successor, todas as vezes que eu fosse solicitada.

Sua Senhoria Illustrissima abraçou-me deu-me a sua benção e entrei.

Fui depois processionalmente conduzida ao coro e ahi fiz a minha oração. Beije a mão a madre abbadessa, e depois de ter abraçado todas as mpmjas, levaram-me ellas a um parlatorio, onde Sua Senhoria me esperava. Deu-me elle são conselhos, exhortando-me a ser boa christã e a render graças a Nosso Senhor, a frequentar os sacramentos, prometendo-me, como effectivamente o fez muitas vezes, de vir elle mesmo ministrar-m'os. Depois, tendo-me generosamente offerecido tudo quanto eu poderia necessitar, retirou-se.

A noticia d'estes acontecimentos correu por toda a parte.

Aquelles que me tinham conhecido antes e os que, em todas as Indias, antes e depois souberam das minhas aventuras, se admiraram muito.

Cinco mezes mais tarde, no anno de 1620, falleceu repentinamente o meu santo bispo.

Foi grande a perda que soffri.

(Continúa)

Esteves Pereira.



NOVIDADES DA SCIENCIA

O MICROPHONOGRAPHO — NOVO APPARELHO PARA A EDUCAÇÃO DOS SURDOS-MUDOS.

Noticiam as revistas estrangeiras que um illustre physico de Genebra, mr. F. Dussand, tão mo-

co quão estudioso homem de sciencia, acaba de inventar ultimamente um aparelho — o *microphonographo* —, o qual parece estar destinado a prestar muitos e relevantes serviços nos diferentes ramos da sciencia e notavelmente na physiologia.

Segundo as experiencias feitas pelo inventor e pelo medico Laborde, pôde com a applicação do *microphonographo* melhorar-se a sorte dos surdos-mudos.

O *microphonographo*, segundo se deprehende d'um breve estudo feito pelo sr. Mareschal, escriptor francez, é composto unicamente por tres aparelhos: o *phonographo*, o *telephone* e o *microphono*.

Embora estes aparelhos sejam por demais conhecidos, daremos novamente uma rapida ideia d'elles, para se comprehender melhor o seu conjunto.

O *phonographo* inventado, como se sabe, por Edison, é um aparelho destinado a fixar e a reproduzir a palavra e outros sons. Compõe-se nas suas partes essenciaes d'um *cylindro* (Fig. 1) de substancia tão malleavel quanto resistente, em cuja constituição entra uma certa quantidade de cêra. Por cima d'este *cylindro* está collocada uma membrana M, de ferro ou de outro metal muito delgada, juxtaposta a uma embocadura e tendo no centro um pequeno estylete ou haste cuja extremidade é em forma de buril.

Quando se falla deante da embocadura, a membrana vibra e o estylete fere mais ou menos o *cylindro* de cêra, e como elle está montado n'um eixo V de parafuso e animado d'um movimento de rotação regular e continuo, de forma que o estylete encontra constantemente um ponto de contacto e traça, em forma de helice, uma linha continua no *cylindro*, apresentando uma serie de desnivelamentos correspondentes ás vibrações da placa.

Se, ao contrario, substituirmos a ponta cortante por uma ponta romba, a qual se faça passar pelo traço fixado no *cylindro*, fazendo girar este com equal velo cidade á que tinha quando se fez

a fixação do som, as mesmas vibrações serão transmittidas á membrana, e isto tão fielmente que o nosso ouvido distinguirá não só o som, mas tambem a articulação da palavra.

O *telephone*, inventado por Graham Bell, é mais simples que o *phonographo*; os seus resultados são outros e d'uma incontestavel utilidade, assás superior. É o instrumento mais maravilhoso que se tem inventado.

Em principio, (Fig. 2) compõe-se d'um magnete E, tendo collocada n'uma das extremidades uma pequena bobina T, de fio de cobre muito fino coberto de seda, afim de isolar entre si as espiraes. Em frente do magnete, o mais perto d'elle que seja possivel, mas sem o tocar, fixa-se n'uma embocadura de madeira uma membrana vibratil M, de ferro macio. E eis todo o instrumento. Vejamos agora os resultados:

Liguemos as extremidades do fio da bobina a dois fios mettalicos isolados um do outro chegando com elles até onde quizermos. A outra extremidade d'esta dupla linha liguemol-a a um instrumento semelhante ao primeiro. Se fallarmos deante d'um d'elles, o outro reproduzirá nitidamente a palavra e até o timbre particular da voz. Nada de mais admiravel do que obter um tal resultado com meios tão simples! Quando a placa de ferro macio vibra sob a influencia da palavra, ella approxima-se e distancia-se rapidamente do ma-

gnete. Nestas condições, produz-se na bobina uma serie de correntes electricas. Estas seguem a linha e, por um effeito inverso, vão por sua vez produzir no magnete do outro *telephone* as modificações pelas quaes resulta o vibrar a membrana collocada em frente, de harmonia com a primeira. Embora esta explicação, comquanto succinta, seja completa, diremos ainda que se tem verificado não corresponder o augmento de espessura da membrana á intensidade do resultado obtido, mas não se annulla; e, por outro lado, ajuntaremos tambem que já se conseguiu corresponder com *telephones* sem membrana; ha n'isto uma acção mollecular por ora pouco elucidada.

Comprehende-se, pois, pelo que acabamos de dizer, que o *telephone* é muito sensivel ás menores variações da corrente electrica. Se, pois, em logar de se restringir ao poste transmissor, e a correntes desenvolvidas pela influencia das vibrações, se achar um meio de enviar pela linha correntes provenientes d'uma fonte de electricidade, tal como uma pilha, por exemplo, mas variando tambem sob a influencia da palavra, augmentar-se-ha a intensidade do resultado no *telephone* receptor.

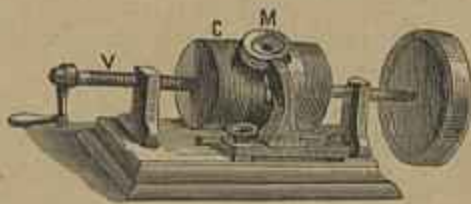


FIG. 1. PHONOGRAPHO

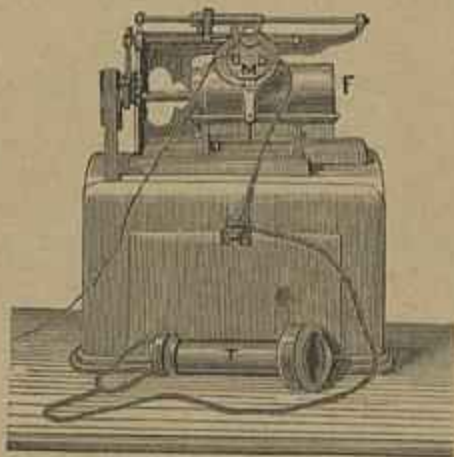


FIG. 3. MICROPHONOGRAPHO DE DUSSAUD

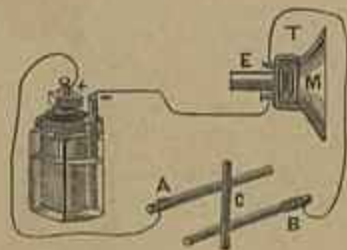


FIG. 2. TELEPHONE E MICROPHONO



FIG. 4. MICROPHONOGRAPHO APPLICADO A UM SURDO-MUDO

O MICROPHONOGRAPHO

Foi este o problema resolvido por Hughes na sua invenção do *microphono*.

Se se tomarem uns lapis de carvão especial, como os que se empregam nas lampadas electricas de arco voltaico, e se se collocarem de uma forma tal que a corrente electrica produzida por uma pilha seja obrigada a atravessal-os (figura 2), verifica-se que as menores variações no contacto dos lapis de carvão entre si são traduzidas no *telephone* por sons de intensidade differente. A disposição que representa a nossa gravura constitue um *microphono*. Os carvões A, B, C, são, como se vê, simplesmente collocados uns nos outros; o menor choque imprimido a meza em que elles repousam bastará para fazer variar muito de intensidade a corrente que os atravessa para ir affectar o *telephone*.

Um relógio de algebeira, collocado sobre a meza, será o sufficiente para modificar constantemente o contacto, e a alguma distancia que esteja o receptor perceber-se-ha o tic-tac da roda de escape.

Se dermos aos carvões uma posição de equilibrio ainda mais instavel, que os faça tocar n'uma membrana movel, como um pequeno tambor basco, por exemplo, a menor coisa será sufficiente para mudar a sua posição de equilibrio, uma mosca passeando sobre o tambor produzirá tanto barulho como um cavallo sobre um estrado.

É claro que, está em relação, e que a intensidade do som é tanto maior quanto mais consideravel for a corrente electrica que a pilha empregada produzir.

Nos *microphonos* que servem para a observação nas installações habituaes, os carvões estão presos a uma pequena prancheta muito delgada de pinheiro por cima da qual se falla.

É, pois, por uma engenhosissima combinação dos tres aparelhos que acabamos de descrever muito summariamente, que Mr. Dussaud creou o seu *microphonographo*. Teve elle, decerto, que modificar, aperfeicoar, a construcção de cada um d'esses instrumentos, para os fazer desempenhar o papel especial que lhes destinava, e, depois de muitas tentativas e investigações, chegou a alcançar os mais surprehendedes resultados.

O seu aparelho (figura 3) compõe-se de um *phonographo* F, no qual a membrana ordinaria foi substituida por um pequeno *microphono* M, de construcção especial, ligado a uma pilha, de numero variavel de elementos, que está no interior da base do aparelho, e a um *telephone* T.

Assim, as vibrações gravadas no *cylindro* são transmittidas, por intermedio do estylete de extremidade romba, ao *microphono*, que os transmittes ao *telephone*, amplificando-os.

Quando o numero dos elementos da pilha é bastante grande (porque uma disposição muito simples permite augmental-os á vontade) a intensidade das palavras ou das arias é tal que o ouvido normal não a poderia supportar sem soffrimento. É então que o instrumento se pôde applicar aos surdos, e as experiencias até agora tem sido o mais conclusivas.

O aparelho de M. Dussaud é desde já o complemento indispensavel de todas as escolas dos surdos-mudos. A nossa fig. 4 representa a applicação do *microphonographo* a um surdo-mudo.

Fóra d'esta applicação especial, o *microphonographo* pôde prestar muitos outros serviços, porque é reversivel; isto é, pôde ser utilizado para fixar os ruidos mais subtis. Para isto invertem-se os papéis do *microphono* e do *telephone*.

O primeiro, ligado por um fio delgado, transportado para o logar de investigação, é collocado por cima do *phonographo* por uma especie de *telephone* de construcção muito particular, no qual a membrana vibrante tem o estylete que deve gravar o *cylindro* de cêra.

Com esta disposição, pôde o medico, por exemplo fixar os ruidos pathologicos caracteristicos de certas doenças permittir comparal-os com intervallos diversos e seguir attentamente os progressos do mal ou da cura.

Assim, o inventor fixou as pulsações do coração durante a execução de uma obra dramatica, e seguiu d'esta maneira as differentes emoções por que passou o individuo em experiencia.

Ha, pois, tanto no ponto de vista physiologico e ainda psychologico, uma grande quantidade de casos em que este aparelho seria empregado com utilidade; não sendo o menor d'elles o ensino dos surdos-mudos.

Por isso mesmo, demos hoje aos nossos leitores algumas indicações sobre a construcção de tão curioso aparelho, acompanhando-o de gravuras elucidativas.

P.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro. 25 a 39